

A Turquia e a União Europeia

por Mário Soares

A visita de Bento XVI à Turquia foi, sob muitos aspectos, extremamente inovadora e interessante. Em primeiro lugar, porque sublinhou a diferença entre o Cardeal Ratzinger e o Papa Bento XVI, diferença com a qual teremos de conviver – ao que parece – ao longo do seu pontificado. Na verdade, a primeira declaração significativa do Papa, em solo turco, foi: “não somos um político [quem tal diria!] mas desejamos que a Turquia faça parte da União Europeia”. Eureka! A Turquia, como Paris, para Henrique IV, “vale bem uma missa”... Uma declaração que contradiz o pensamento reiterado do Cardeal Ratzinger e a política, em concreto, do Vaticano, num passado recente, mas não do Papa.

Por que o fez? Explicar a mudança pela necessidade, sentida pelo Papa Bento XVI, de emendar a “gaffe” ou melhor: a insinuação maliciosa do teólogo Ratzinger, feita na Conferência de Ratisbonn, em Setembro passado, em que procurou, subtilmente, associar o Islão à violência, servindo-se para tanto de uma citação de um imperador bizantino (para mais, bizantino!) parece-me demasiado fácil, senão simplista. Embora a provocação me pareça manifesta e grave para o Papa, mas não para o teólogo Ratzinger. A razão profunda da viragem é outra e mais séria, a meu ver. Resulta das circunstâncias internacionais terem mudado – ou estarem a mudar, aceleradamente – com a alteração das relações de força no Médio Oriente. A situação de extrema fraqueza dos anglo-americanos e de Israel, depois da trágica aventura do Líbano, na Região – os americanos só pensam, depois das eleições de 7 de Novembro, em como abandonar o Iraque, sem o deixar num completo caos – aconselha vivamente a não menosprezar a Turquia. Esse é um dado de facto, incontestável.

Com efeito, a visita do Presidente do Iraque, Jalal Talabani, fundador e Secretário-Geral da União Patriótica do Curdistão, ao guia supremo da República Islâmica, do Irão, o ayatollah, Ali Khamenei, tem um altíssimo significado. Seria verdadeiramente impensável há poucos meses. Depois de sete anos de cruenta guerra Iraque-Irão e da guerra do golfo que se lhe seguiu o Chefe do Estado do Iraque, posto nesse lugar por George W. Bush, em consequência da invasão americana e das eleições por ele promovidas, atreve-se a ir ao Irão, um dos mais perigosos países do “eixo do mal”...? E mais: a ouvir do “guia supremo” (cito): “a partida dos norte americanos do território iraquiano é a primeira condição para o restabelecimento da situação”. E a reter a promessa: “Se o governo iraquiano pedir a retirada americana o Irão tudo fará para ajudar ao restabelecimento da segurança e da estabilidade no Iraque”. Ou seja: o Irão assume-se como potência regional hegemónica, capaz de desafiar e substituir os Estados Unidos, não só em palavras mas como salvador de um Estado antes inimigo – o Iraque – agora à beira da guerra civil e do caos... Perante esta visita o pequeno almoço de Bush com o primeiro ministro iraquiano, em Annan, resultou numa insignificância: a promessa de Bush foi tão só manter as tropas no Iraque... “até completar o trabalho”.

É isso o que explica a mudança radical da política do Vaticano – expressa pelo Papa – em relação à Turquia. É que a Turquia representa uma ponte essencial para o diálogo entre o mundo cristão e o mundo muçulmano, está empenhada no relançamento da Aliança de Civilizações, a que o Papa também agora se associou, é membro influente da NATO, e tem uma posição estratégica privilegiada e um conhecimento invulgar dos países do Cáucaso, da Ucrânia e da Rússia. Para mais é um Estado laico, onde vigora a separação da Igreja do Estado e, embora a sua população seja esmagadoramente muçulmana, respeita – ou deve respeitar – “a liberdade religiosa”.

É curioso que seja o papa a sublinhar a importância do racionalismo laico para advogar a oportunidade da adesão da Turquia à União Europeia. Apesar de ter feito uma distinção muito teológica entre laicismo e laicidade. Mas isso não conta. O importante é a revelação do interesse do Papa na adesão da Turquia à União Europeia e o facto de ter ocorrido no mesmo dia em que um ilustre membro da Comissão Europeia anunciou a suspensão das negociações entre a Turquia e a União, por não cumprimento turco da abertura dos portos de Chipre. A burocracia de Bruxelas

revelou-se, uma vez mais, bastante distraída das grandes mudanças que vão ocorrendo na política planetária... Mas a seu tempo o tiro será corrigido.

Note-se que o laicismo turco se tornou útil, aos olhos do Papa, por causa também de outro dos objectivos da sua visita à Turquia: o encontro com o Patriarca Bartolomeu I, primado de honra da ortodoxia, para relançar o diálogo, interrompido em 1054, entre Roma e Constantinopla. Para tanto, o Papa retomou a fórmula utilizada por Paulo VI, numa anterior visita, com o mesmo objectivo: "A divisão dos católicos e ortodoxos é um escândalo para o mundo e um obstáculo à proclamação do Evangelho".

Apesar da infalibilidade papal e da centralização romana, que os ortodoxos continuam a contestar, o diálogo entre as duas Igrejas cristãs é necessário para restabelecer os caminhos da paz e – como dizem no comunicado comum – para "combater a rejeição da fé cristã no Continente Europeu e renovar a consciência na Europa das suas raízes e valores cristãos".

É caso para perguntar se o laicismo é um desses valores – como eu penso ser – uma vez que é importante para garantir a liberdade da Igreja ortodoxa, ultra-minoritária na Turquia, como o Papa reconheceu. Acresce que Bento XVI, com o diálogo com o primado de Constantinopla, pretende chegar a Moscovo e estabelecer um entendimento com o patriarca russo Alexis II. O que, reconheça-se, seria interessante e útil.

Tudo isto são sinais sérios para a União Europeia, que parece apática e perdida num mundo que a ultrapassa. Tem urgentemente que mudar. Tenho esperança que assim aconteça durante a Presidência alemã. Serão os dirigentes da União capazes de definir um novo rumo estratégico, autónomo e, assim, atalhar, a decadência para que parece caminhar? Bush arrastou o Ocidente para uma crise profunda, hoje evidente aos olhos de quem quiser ver. A União Europeia, pelo seu seguidismo e omissão, não soube, até agora, reagir. Não é significativa a movimentação política que está a ocorrer na América Latina? Não é significativo que o Presidente Mahmoud Ahmadinejad, do Irão, se atreva a interpelar directamente os americanos, alertando-os para que (cito): "as ilegalidades e as imoralidades de Guantanamo e Abu-Ghraib só tiveram por efeito propagar o terrorismo"? Não é significativo que Condoleeza Rice diga em Israel "que é preciso aliviar as humilhações quotidianas de que sofrem os palestinianos"? Porque espera então a União Europeia para mudar de política e avançar? Antes que seja tarde...

Lisboa, 1 de Dezembro de 2006